



## **A contribuição do IFSP para o fortalecimento da agricultura familiar: a experiência do curso FIC**

*The contribution of the IFSP to the strengthening of family farming: the experience of the FIC course*

CONTRIGIANI, Ariele Carolina<sup>1</sup>; BATISTA, Erika<sup>2,3</sup>; MIRANDA, Márcio André<sup>2,4</sup>

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural, CCA/UFSCar, cooperada na Cooperflora, Bolsista ATP – A do Núcleo de Estudos em Agroecologia, Educação e Sociedade - NEAES, ariele.contrigiani@gmail.com;

<sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP – Campus Campinas (CMP), NEAES; <sup>3</sup> erika.batista@ifsp.edu.br; <sup>4</sup> m\_amiranda@ifsp.edu.br.

### **Eixo Temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias**

**Resumo:** Nos últimos anos houve um enfraquecimento das políticas públicas para a agricultura familiar e cada vez mais estão diminuindo os assentamentos assistidos por programas de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), tanto dos governos estaduais como Federal. O objetivo deste relato é compartilhar a experiência do curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) “Segurança Alimentar e Tecnologias Sustentáveis para Agricultura Familiar” realizado no âmbito dos trabalhos de extensão do Núcleo de Estudos em Agroecologia, Educação e Sociedade (NEAES) do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) e Campinas em parceria com a cooperativa Cooperflora do Assentamento Milton Santos, situado nos municípios de Americana e Cosmópolis/SP. O curso foi realizado entre os meses de agosto e dezembro de 2018 e teve como foco a capacitação dos agricultores assentados e interessados na temática. O curso foi importante para a troca de experiências e diálogo de saberes nos temas abordados e já conta com uma 2ª edição em andamento.

**Palavras-Chave:** Agroecologia; educação; extensão; grupos de consumo.

**Keywords:** Agroecology; education; extension; consumption group

### **Contexto**

Com a redução de recursos para os programas sociais no final do primeiro mandato do governo de Dilma Rousseff, houve o enfraquecimento das políticas públicas de comercialização de alimentos da agricultura familiar em todo o país. Tal fato foi sentido por muitas associações e cooperativas, que tinham como base de comercialização programas institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Com o intuito de enfrentar esse cenário conturbado politicamente e pela experiência de dificuldades vividas em outras associações, em 2014 um grupo de agricultores e agricultoras do Assentamento Milton Santos decidiu criar uma cooperativa com o objetivo de organizar e escoar a produção.



No entanto, a formalização desta cooperativa se deu apenas no final de 2015 e o primeiro processo de comercialização ocorreu um ano depois por meio da venda direta ao consumidor, com o modelo de Cestas Agroecológicas. Tal modelo possibilita que o agricultor que produz o alimento tenha contato direto com o consumidor final. (MUNDLER, 2008). Para isso foram montados Grupos de Consumo, isto é, uma experiência de consumidores organizados que se propõem a ter relações diferentes de consumo e fazer do ato de compra também um ato político. (INSTITUTO KAIROS, 2010)

Esta forma de comercialização é baseada nos princípios da *Comunidade que Sustenta a Agricultura – CSA*, que apresenta uma prática que contribui com o desenvolvimento rural sustentável e o escoamento de produtos direto ao consumidor aproximando-o dos agricultores, sendo adaptada à realidade das famílias assentadas. No caso da Cooperflora, o foco de comercialização se deu com sindicatos, sociedade civil, parceiros e amigos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), professores da rede pública estadual e municipal da Região Metropolitana de Campinas (RMC).

As Cestas Agroecológicas são um combinado de alimentos da época produzidos no próprio assentamento ou de outros assentamentos e cooperativas do MST, sempre no esforço da atuação em rede para contribuir com o fortalecimento de outros grupos articulados pelo mesmo objetivo. Este modelo de comercialização foi escolhido a partir de reuniões dos agricultores para a formação do primeiro grupo de consumo em 2016.

Os cooperados da Cooperflora pertencem ao Assentamento Milton Santos, localizado entre as cidades de Americana e Paulínia, na Região Metropolitana de Campinas. O assentamento, situado na área do Sítio Boa Vista, possui cerca de 104 hectares (ha), dispostos em 20,69 ha para reserva legal, 10,78 ha para área de preservação permanente (APP) e 71,98 ha destinados aos lotes. O assentamento possui 69 lotes de 1 ha para cada a família assentada e mais 3 lotes coletivos para a comunidade. (INCRA, 2008).

No ano de 2017, a Cooperflora e o Núcleo de Estudos em Agroecologia, Educação e Sociedade (NEAES) do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) campus de Campinas, constituíram uma parceria a fim de fortalecer e estreitar as relações entre o IFSP os agricultores familiares do Assentamento Milton Santos.

## **Descrição da Experiência**

Neste contexto, a primeira aproximação da Cooperflora com o IFSP se deu em outubro de 2017 com uma conversa sobre a organização de mais um grupo de consumo formado por servidores da Instituição. Para muitos ali, esse foi o primeiro contato com a Agroecologia. A conversa girou em torno do tema “Agroecologia e Redes de Consumo Conscientes” e foi organizada no modelo de um *workshop* em parceria com a Coordenação de Extensão do Campus de Campinas. Os representantes da Cooperflora e do MST foram os responsáveis pela condução da atividade junto aos



interessados e propuseram a reflexão sobre o padrão de consumo que nos é imposto, o acesso e a variedade dos alimentos e, sobretudo, a qualidade desses alimentos.

O workshop também situou a produção agroecológica frente aos impérios agroalimentares em que poucas empresas detêm uma infinidade de marcas no mercado, as relações tanto com os consumidores quanto com os agricultores e os desníveis de preço - pagando preços baixos aos agricultores e cobrando caro dos consumidores. Além disso, houve a apresentação do Assentamento Milton Santos, da Cooperflora e do modelo de produção agroecológico.

Paralelamente, o NEAES foi contemplado em dois editais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com os projetos “Agroecologia, tecnologias de produção orgânica em assentamentos rurais e educação popular: a contribuição do IFSP para a sustentabilidade ambiental e segurança alimentar na Região Metropolitana de Campinas” e “Agroecologia, tecnologias de produção orgânica em assentamentos rurais e educação popular: a contribuição do IFSP para a sustentabilidade ambiental e segurança alimentar na RMC”, em 2017 e 2018 respectivamente.

De posse dos recursos financeiros liberados pelo CNPq, o Núcleo organizou o curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) no âmbito dos trabalhos de extensão articulados pelo IFSP no Campus de Campinas, intitulado “Segurança Alimentar e Tecnologias Sustentáveis para Agricultura Familiar”. A estratégia do curso foi pensada juntamente com os agricultores da cooperativa de acordo com as demandas dos mesmos, tanto na questão da produção quanto a partir de demandas mais sociais. O que não é pouco importante, tendo em vista que os agricultores também são partes fundamentais do processo e que nem sempre são considerados como tal – existem diversas experiências de projetos que são pensados e realizados de forma impositiva pelos extensionistas.

Muitos dos participantes do projeto, principalmente os das áreas mais técnicas e tecnológicas da Informática e Eletrônica, não sabiam o que era a Agroecologia e viver tudo na prática, com a troca de saberes com os agricultores, foi uma experiência muito rica e gratificante para que todos pudessem ser ouvidos e propor.

Assim, o curso abordou uma temática diversificada e abrangente e foi realizado conforme a Pedagogia da Alternância, o período de formação em que se alterna a vivência e estudo. A alternância, portanto, passa a exercer uma função metodológica e pedagógica no processo formativo e contribui para que o agricultor-estudante valorize seu modo de vida, sua cultura local e amplie seus conhecimentos. Ela une tempo estudo onde é o espaço de estudo e reflexões teóricas e o tempo comunidade onde eles podem confrontar a teoria com a prática, trocar experiências e testar novas práticas. (JESUS, 2011).

O curso atendeu todas as etapas do processo de produção/ comercialização, trabalhando as várias etapas da cadeia produtiva. Além das questões sociais, como economia política da produção de alimentos e agricultura familiar, saúde e



autocuidados, resolução de conflitos comunitários, dentre outros saberes. Nestes temas foram abordados aspectos da conjuntura das grandes redes alimentares, o envolvimento dos agricultores familiares, a relevância e a importância da sua produção num contexto maior.

O curso também contou com um dia de troca de cuidados, num mutirão de saúde da família, composto por uma educadora física, uma nutricionista, médicos e enfermeiros. Durante o dia foi realizado diversos exames, conversas e aconselhamentos aos agricultores. Este dia foi muito importante para toda a comunidade, que é carente de auxílio médico, e rendeu bons frutos, pois as pessoas atendidas puderam dar continuidade aos tratamentos na unidade de atendimento de saúde mais próxima com os encaminhamentos dos médicos.

Já nos temas relacionados à produção, foram tratados os modelos de agricultura e agroecologia, como fazer poda, adubação verde, consorciamento de hortaliças, controle natural de pragas etc. Esses temas contribuíram com o modo como os agricultores produzem os alimentos, ajudando-os em dificuldades enfrentadas no dia-a-dia e contribuindo em melhorar as práticas agroecológicas. Todos esses dias uniram a teoria e prática, o que possibilitou que os agricultores aprendessem as técnicas com mais clareza. Todos os trabalhos foram realizados em mutirão nos lotes dos próprios participantes, o que contribuiu para o lote com a força de trabalho.

O trato e cuidado com os alimentos pós-colheita também foi abordado pelas boas práticas higiênico-sanitárias, manuseio, armazenamento e embalagem adequados dos alimentos, com foco na produção orgânica e sustentável. Também houve aulas que abordaram a bioquímica dos alimentos, ato de se alimentar e educação nutricional, com apoio de bioquímico e de uma nutricionista. Outro ponto importante foi o trato de resíduos, o que fazer com os lixos recicláveis e os orgânicos para geração de renda, além de como fazer compostagem para a produção de adubo orgânico.

O curso também contou com a participação de dois pesquisadores da Argentina, uma da Universidade de Quilmes – que abordou as estratégias comunitárias para tecnologias inclusivas e sustentáveis – e o outro, do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária, tratou sobre estratégias de comunicação para agricultura familiar e tecnologias de comercialização. Essa troca de experiência internacional foi muito rica e gratificante para os agricultores que puderam ver através de uma metodologia participativa a atuação dentro do assentamento e como podem melhorar tanto na comunicação interna como na externa junto aos grupos de consumo.

## **Resultados**

Esse projeto tem gerado grandes resultados para os agricultores da Cooperflora em relação ao processo produtivo, pois com as aulas puderam melhorar suas práticas diárias da produção nos lotes e garantir uma melhor qualidade dos alimentos,



diminuindo as perdas na produção e utilizando os resíduos da própria casa para deixar o sistema mais sustentável.

Uma das principais mudanças notadas após o curso foi a melhora na organização da cooperativa enquanto coletivo, pois com os mutirões os agricultores passaram a se ajudar mais. A relação junto a instituições de ensino, sociedade e movimentos sociais camponeses se mostram cada vez mais importantes para o desenvolvimento e visibilidade de acampamentos e assentamentos rurais.

A experiência do FIC oferecido no Assentamento Milton Santos já se multiplicou e agora está em andamento a 2ª edição do curso em parceria com o Sindicato dos Químicos e realizado no Centro de Formação e Lazer (CEFOL) no município de Valinhos. A maioria dos participantes são acampados do “Marielle Vive” – acampamento organizado pelo MST – próximo ao CEFOL.

## **Agradecimentos**

Aos amigos e companheiros do Assentamento Milton Santos, Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), regional de Campinas. Aos professores e alunos do curso FIC e ao Núcleo de Estudos em Agroecologia, Educação e Sociedade do IFSP, Campus de Campinas.

## **Referências bibliográficas**

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, A. C; NOVAES, M. B. C. de. **A pesquisa-ação participante como estratégia metodológica para o estudo do empreendedorismo social em administração de empresas**. RAM – Revista de Administração Mackenzie, v. 10, n. 1. 2009

JESUS; J. N. de. **A pedagogia da alternância e o debate da educação no/do campo no estado de Goiás**. Revista Nera. Presidente Prudente. 2011

INSTITUTO KAIROS. **Consumo como intervenção - Um olhar sobre as experiências de consumo coletivo no Brasil**. São Paulo. 2010. Disponível em: <https://institutokairos.net/wp-content/uploads/2012/04/Kairos-grupos-de-consumo-no-brasil.pdf>. Acesso em 10 jun. 2019.

MUNDLER, P. (Org.). **Petites exploitations diversifiées en circuits courts: soutenabilité sociale et économique**. Lyon: Isara, 2008.